

COMPARAÇÃO ENTRE A FREQUÊNCIA DE ISOLADOS BACTERIANOS OBTIDOS A PARTIR DA CULTURA DE AMOSTRAS CLÍNICAS DE CÃES E GATOS ATENDIDOS EM UM COMPLEXO VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO PAULISTANO

PELEGRINO, A. P. D.; FORTE, D. C.; BENTUBO, H. D. L.

1 Discente do Curso de Medicina Veterinária. Universidade Cruzeiro do Sul, *Campus* São Miguel, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: Deborah.c.forte@gmail.com.

2 Docente responsável pelo Laboratório de Medicina Veterinária Preventiva, Universidade Cruzeiro do Sul, *Campus* São Miguel, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: hbentubo@yahoo.com.br.

Embora os mesmos agentes infecciosos possam acometer tanto cães como gatos, a frequência na qual eles ocorrem depende de inúmeros fatores, o que influencia diretamente a epidemiologia das doenças produzidas por esses microrganismos. Para verificar a frequência das bactérias isoladas de casos suspeitos de infecção de 304 cães e 61 gatos, foram tabulados dados obtidos do livro de registros do Laboratório de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Cruzeiro do Sul. As infecções bacterianas foram confirmadas em 168 (55,3%) cães e 20 (32,8%) gatos. As bactérias Gram-positivas e negativas representaram, respectivamente, 31,5% e 68,4% dos isolados de cães, e 55% e 45% daqueles obtidos dos gatos. Cistites (46,2% dos cães e 26,2% dos gatos) e otites (22,4% dos cães) foram as principais afecções diagnosticadas na população. Ressalta-se a grande importância do diagnóstico para o acompanhamento de pacientes portadores de doenças crônicas, visando a prevenir possíveis agravos que possam levar os animais à seps e morte. **Agradecimentos:** Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Cruzeiro do Sul. **Palavras-chave:** Cães. Gatos. Laboratório clínico. Doenças bacterianas.

HIPOGLICEMIA PARANEOPLÁSICA ASSOCIADA A CARCINOMA MAMÁRIO EM CADELA

CASTRO, P. F.; FANTONI, D. T.; TORRES, L. N.; MATERA, J. M.

1 Serviço de Cirurgia de Pequenos Animais, HOVET, FMVZ, USP, São Paulo, SP, Brasil.

2 Departamento de Cirurgia, FMVZ, USP, São Paulo, SP, Brasil.

3 Serviço de Patologia Animal, HOVET, FMVZ, USP, São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: pfcastro@usp.br.

Em seres humanos portadores de carcinomas com envolvimento ductal, a patogênese da hipoglicemia pode ser relacionada com a produção aberrante de insulina ou, mais frequentemente, de substâncias semelhantes à insulina produzidas por células tumorais, além da utilização de glicose pelo próprio tumor no caso de grandes massas. Relata-se o caso de cadela da raça Poodle, com 15 anos de idade, 3kg de peso, castrada, com histórico de neoplasia em glândula mamária observada há um ano e com crescimento exacerbado há 30 dias, atendida devido a quadro de prostração após ter sofrido queda em ambiente doméstico, ao qual se associou à condição hipoglicêmica (glicose = 32 mg/dL) verificada durante exame clínico. Hemograma completo, perfil hepático e renal, dosagem pareada de glicose e insulina séricas, ultrassonografia abdominal e radiografia torácica realizados não mostraram alterações, exceto pela presença de anemia regenerativa normocítica hipocrômica, manutenção do quadro hipoglicêmico (glicose = 23 mg/dL) e aumento discreto da fosfatase alcalina (=196,2). Foram realizadas terapia suporte ineficaz para controle da hipoglicemia e controle da pulciose intensa, seguidas de mastectomia parcial para exérese do tumor de grande dimensão, cujo exame anatomopatológico revelou tratar-se de carcinoma mamário simples sólido com margens cirúrgicas livres. A glicemia permaneceu dentro da faixa de normalidade no período pós-operatório imediato, bem como ao longo do período subsequente de seis meses. Com base na história e resultados dos exames, causas prováveis de hipoglicemia como insuficiência hepática grave, hipoadrenocorticismo e insulinoemia foram excluídos. A etiologia provável para a ocorrência da hipoglicemia foi a de síndrome paraneoplásica, constatada pela presença do carcinoma mamário e baixas concentrações de glicose sérica seguida pelo retorno da normoglicemia logo após a excisão do tumor. Na literatura há um único relato de carcinoma mamário em cães associado à hipoglicemia paraneoplásica, descrito em 2010 por Rossi e colaboradores, que acometeu uma labradora diabética de seis anos de idade.

Palavras-chave: Hipoglicemia paraneoplásica. Carcinoma mamário. Cães, fêmea.

NEFROLOGIA E UROLOGIA

AGENESIA RENAL UNILATERAL EM CÃO: RELATO DE CASO

VIRGILI, A.1; GOMES, R. R.2; GRANATO, T. M.3

1 Graduanda em Medicina Veterinária pela FMU.

2 Médica-veterinária Clínica de cães e gatos.

3 Médica-veterinária ultrassonografista.

E-mail: dogdumas@dogdumas.com.br.

Introdução: A agenesia renal unilateral é a ausência de um só rim onde o animal poderá viver de forma satisfatória. É uma doença rara e os animais acometidos podem ser assintomáticos por toda a vida. A etiopatogenia da doença em pequenos animais é incerta. Alguns autores relataram predisposição racial incluindo Pastor de Shetland, Doberman Pinscher e Beagle. A perda da massa renal funcional ou a ausência de um rim leva à hipertrofia dos néfrons remanescentes e inicialmente a função renal é mantida dentro dos valores de referência. A literatura cita inúmeras formas de diagnóstico, mas a principal alteração é a visualização da ausência renal em exames complementares de imagem. **Metodologia/Relato de Caso:** Foi atendido na clínica veterinária Dog Dumas em janeiro de 2016 um cão, macho, Shih tzu de sete semanas de idade em bom estado geral. O animal foi atendido para realização de *check-up* com exames complementares incluindo hemograma, bioquímico e ultrassonografia abdominal. Não apresentou alteração hematológica e em bioquímica sérica apresentou discreta hiperfosfatemia. Em exame ultrassonográfico foi avaliada a ausência do rim direito e, diante desse resultado, foi firmado o diagnóstico de agenesia renal unilateral. Ao exame físico o animal não apresentou alteração, assim como sintomatologia ausente. Considerando o estado geral favorável, foram coletadas novas amostras sanguíneas como forma de controle em cerca de cinco meses após o diagnóstico. Foram apresentadas hiperfosfatemia de 7,10 mg/dl e hipercalemia de 6,10 mEq/L. Ultrassonograficamente apresenta delimitação corticomedular reduzida e discreta dilatação pélvica de rim contralateral. **Discussão:** A agenesia renal é uma doença infrequente e com poucos relatos em animais de pequeno porte, nos quais também foram observadas outras anômalas urológicas concomitantes e predisposição racial; porém, o animal do presente estudo não pertence a essa classificação e não apresentou quaisquer anormalidades urológicas concomitantes. **Conclusão:** A agenesia renal é uma doença rara e, por não haver abundante descrição literária e sua etiopatogenia ser ainda incerta, assim como ausência de sintomatologia, deve-se considerar de suma importância a realização de exame complementar precoce e periódico. **Palavras-chave:** Agenesia renal unilateral. Cães.

INFECÇÃO CRÔNICA DO TRATO URINÁRIO INFERIOR SECUNDÁRIA A DEFEITO ANATÔMICO ADQUIRIDO EM GENITALIA EXTERNA DE MACHO CANINO

SILVA, A. M.1; MEDEIROS, V. B.1; FERNANDES, K. S. B. R.1; RODRIGUES, R. T. G. A.1; FILGUEIRA, K. D.1

1 Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Mossoró, RN, Brasil.

E-mail: alemoreiravet@yahoo.com.br.

Introdução: A infecção do trato urinário (ITU) é frequente na rotina clínica de cães. Pode ser classificada como aguda ou crônica e as alterações do hospedeiro vêm a predispor ou perpetuar o processo infeccioso. O presente trabalho descreve um caso de ITU crônica, em decorrência a alterações genitais, em um cão. **Método/Relato de Caso:** Um canino, macho, com sete anos de idade, da raça Pastor Alemão, apresentava dificuldade de micção há seis meses. Existia o relato progresso de terapias insatisfatórias. Também havia o histórico de instalação de miíase, próxima ao pênis, anterior à sintomatologia urinária. O paciente foi submetido à avaliação física. Optou-se pela realização de urinálise, urocultura com antibiograma e ultrassonografia abdominal. Prescreveu-se amoxicilina com ácido clavulânico (25mg/kg, a cada 12 horas, por quatro semanas) e antisepsia local com sabonete de triclosano 1%, até novas recomendações. Após o final da antibioticoterapia foi executada outra cultura urinária. **Resultados e Discussão:** Clinicamente, constatou-se ausência da porção crânio-ventral do prepúcio, com exposição contínua da glândula peniana. Ocorriam disúria e polaciúria. Os principais achados na primeira urinálise corresponderam à piúria, bacteriúria e hematúria. Na urocultura identificou-se a bactéria *Escherichia coli*, a qual demonstrou sensibilidade ao antimicrobiano amoxicilina com ácido clavulânico. A imagiologia foi sugestiva de cistite. O animal apresentou completa remissão dos sinais clínicos após o término da terapia, com negatividade da segunda cultura da urina. A maioria dos patógenos do sistema geniturinário ascende pela uretra até a bexiga, onde há adesão, multiplicação e persistência de um número suficiente de bactérias para causar ITU. O prepúcio é uma cobertura cutânea e corresponde a uma proteção mecânica para o meato urinário dos machos. No caso em questão, a perda parcial da cavidade prepucial,